

# RENAASCENCA

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

REDACTORES

Teixeira Duarte, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida,  
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Por tres meses . . . . . 25.00  
Por seis . . . . . 38.00

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres meses . . . . . 18.50  
Por seis . . . . . 26.50

REDAÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 30 DE OUTUBRO DE 1878

NUM. 6

## Expediente

Aos nossos assinantes, que ainda se achão em débito conosco, continuam-nos a regular favor de mandar sair a imprensa suas assignaturas por cartas registradas pelo correio.

Os originais que não forem publicados não serão restituídos.

## RENAASCENCA

Rio, 30 de Outubro de 1878.

O renascimento, esse gigante, que fazia a glória da Itália, esse gigante do século XVI caracteriza a época do saber bém como a do entusiasmo.

Vasco da Gama, Christovão Colombo, Pedro Alvares Cabral descobrem novos mundos. Gutenberg inventa o que há de mais sublime: — A Typographia.

A intelligencia irradient-se, o amor às sciencias propagase. Da o renascimento os seus primeiros passos nessa imensa estrada que se chama o Mundo e nuna revolução opera-se no espírito dos homens; um éter exultivo fere os corações: uns julgão-se encyclopedicos; outros tomão por meta o impossível; estes pretendem explicar os mysteries; aqules tornão-se phiosophos, poéticos.

## FOLHETIM

### UMA SUBSTITUIÇÃO DE NOME

Como nevólos densos de eslsrupiada fumo que saltem de seio das nuvens chumosas de vazio fogoso, e dissipam-se rapidamente na imensidão do infinito, celeremente desaparecer A. O., das colunas d'este jornal.

Foi semelhante a um meteoro, não no brilho, mas na pesanteza na duração, na rapidez na extrema.

O teor d' *Renascenca* que nas horas de desengaço leva a desassada consolacão, de ler os seus mazelas escritos, que derrama nua l'grana sobre o seu humilde e eterno, — o céu do esquecimento.

Um entre nove, peixes mortos, inteiramente refundido se apresenta hoje para substituir A. O.

Se este fosse penitente, teria necessidade de derramar nos quatro pontos cardinais programmas e circulares preconizando serviços prestados, não prestados, por prestar e prejuizos. Mas como é um simples folhetinista nada disto fez.

historiadores, até que se precipita no abysmo que oppõe ao saber: E' o ditílio.

Mas as sciencias marcham progressivamente. Eis os primeiros monumentos do Renascimento.

Nelle reinou Francisco I, o poeta, do grande impulso as artes e as letras, vemos esse prisioneiro de Paris, esse protector das missas, esse rei cavaleiro, fundar o collegio de França em 1530, vêmel-o resistir contra as tentativas daquelas que a todo o transe protestão tornão perseguidor dos Calvinistas.

Vêmos mais ainda; vêmos figurar a irma de um rei, Margarida de Navarre, esse grande talento poético. Vêmos as elegantes poesias dessa heroína da theologia, matéria em que era tão profunda. Para isso vimol-a escolher quasi sempre os seus assumtos entre os theologicos. Entreteceava-se, porém, ali, o mytismo. O seu Hytamón juntâo consentir o seu esquecimento.

Vemos agora a tragô com Morat, amigo e companheiro de Francisco I durante a sua prisão em Pavia. Foi Morat, grande poeta, que se distinguio principalmente no Epigramma.

E-te innovador escolhia de preferencia os seus assumtos entre os chistosos, que entre os sérios.

Surge ante a publica, instala-se entre elle e põe-se a conversar com a maior sem cerimónia de mundo.

Como é método a posseja de L'hephilista!

Mas que fin teve A. O? conjecturá a leitor.

Em seu curioso e em excesso. Sei que a ensinou de e uma menina travessa e burlosa, e quando agudou, impetuante e insaciável, ele se lhe não satisfizem o mais paqueto desejo. Ora, o leia a leia deante de si esse monstruoso, que arquejantava e o incomodava atrocemente; quer arrependia-se e saí-lo fazer-lhe o capricho, mas como se sente importuno, volta-se naturalmente para mim e põe o meu auxilio. E eu, que consoço, por experencia, a literatura mifigada ao leitor, acudo pressuroso ao seu reclamo. Von arraias do monstruoso satisfazendo-lhe o capricho tanto mais que este capricho é rascavel, inveniente e mesmo justo.

A. O. faz parte da phalange das prelestadas ao sofrimento. E' fatalíssimo que, embora sempre vencido na luta natural e necessaria da natureza desunha e descre. Quando cabido na arena sens' alles varão as trevas do horizonte e lá no fundo descorridas sempre sua ressia de

Morre Morat em Turim n'uma completa indigencia.

Entre e o nosso século, diz Abruyère, ha apenas diferença de alguns vocabulos.

Brilhão tambem no horizonte da inteligencia, os immortais nomes de *Montaigne* e *Calvino*.

Ronsard, rodeado dos poetas seus e contemporaneos, forma a Pleade. Rabatá reforma a prosa. Montaigne presenta-nos com os seus ensaios. Calvino, cujo nome relembra-nos a Instituição Católica, é desnecessario dizermos quem elle é. Quem não terá ali ouvido falar de Calvino??

Quem não terá ali ouvido falar desse prosador que na época do Renascimento possuia o mais intitador estylo?? Exame-nos pois dessa tarefa, na realidade bem agradável.

Depois de termos fallado nesses homens, nesses grandes genios, devemos, se bem que na secundaria fileira, evitar os de Amayst, o oraculo do ramo; Dumentin, o jurisconsulto; Chasson o autor do livro da sabedoria; Pasquier, o iniciador da Filosofia; Gilot, Pitot, que figurão na Macipopée.

Quanta gloria!! quanto saber!! A esse século, com justa razão, cabia o nome que o nosso ostenta!

E' pois no reinado de Francisco I que

luz. E' como que um lampião de esperança que se lhe ilumina n'alma o alago e o faz sonhar com o futuro bello e rosado que elle antevia nos us paculos dos primeiros annos de sua juventude.

Após esta ressia de luz outa, que a tempestade e o excesso, surge mais brillante, não no horizonte, mas nas paginas immortais de um dos mais celebres poetas da França:

« L'homme est un apprîti, la douleur est son malheur [malheur]. Et au mal se connaît tant qu'il n'a pas suffisant.

« C'est une dure loi, mais loi suprême.

« Vieille comme le monde et la fatalité,

« Qu'il nous faut du malheur recevoir le bonheur [bonheur]. Et qu'à ce triste prix tout doit être acheté.

« Les moissons pour mûrir ont besoin de rosée

« Pour vivre et pour sentir. Thonque a besoin de [pleurs].

« La joie a pour symbole une plante brisée,

« Humide encore de pluie e couverte de fleurs.» Quantas verdades amargas e sumbidas desses admiráveis versos de A. de Musset!

A. O. comprehendia-s; por isso lutava e sofria. Mas a lutar e a sofrer vênia A. O. cansou. E a ressia de bar que lá no horizonte ale-

a Renascença se propaga. E' ella, pois, contemporânea do protesto das liberdades da Alemanha, da independência da Itália e da existência da própria França, ameaçada de Carlos V.

E' ella contemporânea desse rei, rival de Carlos V; desse rei que é antes um herói da idade média que uns homens de Estado.

Durante 30 anos, de 1515 a 1547, houve um homem que sempre conservou as armas na mão; já pensando pelo amor aos feitos militares, já pelo desejo de adquirir glórias, já por motivos políticos; esse homem faleceu em 1547; e foi o rei Francisco I.

## NOTICIARIO

**Imprensa.** — Fomos obsequiados na última quinzena com os seguintes jornais: — Diário de Campos, Bozouro, Moçambique, Ouropretano, Colombo, Arauto de Minas, Domingo, Violeta, Gazeta de Loura, Gazeta da Victoria, Independente, Século, Papagaio, Mocidade, Progresso, Echo Liberal, Pedro II, Sapucaiense, Piraacicabano e Libaré.

Muito agradecemos.

O Rio Grande do Sul acaba de perder uma das suas mais dilectas filhas D. Amélia Figueiredo, a inspirada poeta dos Crespúsculos.

E' uma perda bastante sensível.

A finada era tia da nossa insigne colega, redactora da *Violeta*, a Exm. Sra. D. Julieta M. Monteiro, a quem enviamos os nossos sinceros pesames.

**Mocidade.** — Com este sympathico título deverá, segundo consta-nos, aparecer em princípio de Dezembro proximo, uma revista literária.

São redactores os talentosos mancebos Cavalcante Villena, Santos Júnior e Bruno de Melo... etc.

Lixa-lhe a esperança, e a que irracionalmente lhe ensinava a sofrer, deixaria de brilhar em um momento supremo. Privado das lumiéres piabées que o guavam, atordoad, quiz o pobre bolso indagar a causa de suas infelicidades e os meus de desventuras.

Essa idéa, que liga tristezas a paixões tempestivas, e palavras solitárias avolumam-se estomôs preparados agigantadas, observem-lhe e deslumbrê-lhe o espírito.

Um dia, foi ao alvorecer, depois de uma longa noite não dormida, saiu elle do leito completamente transfigurado e grita: — Eureka! Eureka!

Estava radioso, enebulado, e como que deslumbrado. E' que havia descoberto a causa de suas infelicidades. E' sabem onde foi elle encontrar a solução desse problema que tanto o atormentava, desse problema que o trazia engolofhado em meditações profundas?

Nessa monstruosidade chamada — credice-pular!

— « E' o meu nome, exclamava, é o meu nome a causa de meus infelizes!

Meu nome é um nome funesta!

O povo tem razão: ha nubes fatales, ha dias fatais! E' uma grande verdade; ninguém pode contestar.

O meu nome é um nome fatal! — Já não me chamo N. O! —

— L'homme est, dans ses écrits un étrange

Aos nossos futuros collegas antecipamos os nossos cumprimentos.

O *Domingo* no seu numero 4, diz na revista da imprensa: *Renaissance* « A sciencia da cegueira tem por meio o vicio de conhecer» (textual.)

Acceptamos de bom grado uma corrigenda feita pela imprensa seria contanto que seja justa; porém não podemos calar diante de uma calunia tal, como a que nos acusa de ser atrairda pelo *Domingo*.

Emprazamos, pois, ao redactor do *Domingo* a indicar-nos o numero e artigo em que encontrou tal phrase, visto ser ella textual, com a afirma:

## LITTERATURA

### UMA BORRASCAS

As horas passaram lentas e tristes, «Clarim» não se tinha marchado, conservando as velas encolhidas, à exceção da meia e uma das beirantes. A noite não trouxera a menor alegria, o ar parecia tornar-se cada vez pior, e nenhum rumor de ameaça veio perturbar esse solene silêncio.

Fatigadas de seu insípido passeio, os dois irmãos tinham-se sentado, perto do banco do quarto, esperando o termo d'esses quatro horas intermináveis; ambos estavam mergulhados em profundos reflexões. Uma brisa seca e pesada veio de repente abalar-lhes o resto. Puxaram-se de pé, e o mais magro correu para o castelo de proa.

No fundo do céu, em longíqua distância e horizonte apresentava-se a ligeira aurora. O que dissera anteriormente que uma borrasca estava iminente.

— Irmão, preciso o esclarecimento.

O marinheiro não demorou tempo de pensar no que disse, que já se achava no convés, lo collocar-se no banco do qual ele

problema que de nós em tout temps est fidèle à son nom?

A imaginação popular sempre propõe ao marinheiro, ao solteiro-natural e à credulidade, tem riscos milhares de lendas, plásticas, revestidas de poesia, de encanto e de terror misteriosos de densas irrisões e austeras.

Não há paz que não tenha suas crónicas. Elas contam que constituem nun das partes características do povo. Mais é sobre todo um campo onde o homem vive as sós com a natureza, onde os costumes são mais simples, onde o estudo de actividade intelectual e literatissima, onde os raios benfícios e deslumbrantes da civilização não penetraram levemente, que essas monstruosidades, campeão sobranceiras.

O habitante do campo é por natureza supersticioso.

Que a parte inculta de um povo, essa massa imbricada e infeliz, em cujo cérebro não penetra a luz da verdade para essa usar as trevas de erro, se deixe embalar com essas ilusões absurdas, ou comprehendo perfeitamente; mas que

A O, o inimigo confessou do misterioso do mistério — o fantástico, fesse n'essa monstruosidade procurar a solução de um problema é inconcebivel.

Serão os sterysmos da dor, serão um desses

accessos desordenados do cérebro, uma dessas evoluções respiadas da massa captiosa que o levarão a tão imprevista conclusão? Talvez,

— A bombordo o leme! disse elle com voz forte.

— Prompto, commandante!

No mesmo instante uma avalanche de chuva, d'água salgada abateu-se sobre «Clarim», e o vento soprando com força retorceu os cabos mais fortes, os mastros estalarão com um rumor sinistro e a fragata accionou por esta terrível tromba, deitou-se de lado, como o gladiador ferido que vê approximarse a morte. Durante um minuto eterno ella conservou-se escarranha, mas assim impertigau-se afaca, e arrastada pela tempestade, singrou as águas varrendo-as.

Um suspiro profundo saiu do peito do sr. B\*\*\* e « Clarim» estava salva.

E a fragata, tal como um cavalo que sente as espársas, correu veloz.

Dois vozes humanas cobrirão os bramidos da tempestade.

— Um homem no mar a bordo!

— Um homem no mar a estibordo!

Uma onda inundando a «Clarim», de popa a proa, levava dois marinheiros. Estes gritos foram ouvidos pelo linsoneiro de vigia que corou a escala do escalar de salvado, que caiu na água.

Os oficiais que se achavam no convés olhão para o banco de quarto, esperando ansiosos uma ordem do comandante.

O sr. B\*\*\* voltou a cabeça. Perante Deus perante o Estado, elle respondeu por toda essa tripulação que lhe fora confiada, e se procurasse salvar inutilmente esses homens, sacrificaria outras existências. A «Clarim» continuava pois a sua marcha.

Bald approximou-se d'elle.

— Meu pai... commandante, pelo amor de Deus ponha a mão à capa.

— Cola-se, rapaz, e volta para a proa, respondeu o sr. B\*\*\*.

— Meu pai, continuei Bald, em isto de quarto, disse-lhe que o sr. quis percorrer seu filho, e sacrificou dois homens... Meu pai o sr. deshonra-me.

O comandante deu ordem para que o outro

O que é certo é que A O, foi vítima de um destino abominável, mas de não declararão assim. A costa de luz que sempre devassava a finta de lucidez e a irradiava das páginas de Moss-topp recorreu de novo e o amparava. E a cada coisa que difundia em um momento sempre recto e só.

— Foi uma loucura!... Encreditar em absurdos!... — E sorriu desdenhosamente.

Após algumas instantes de reflexão:

— Entendendo mundaré de nome.

Que inconveniente ha disto? O nome é uma cosa conveniente; é facultiva, pode ser substituir a meu que é horrivelmente prossoço? Está dito. De logo em deute chamar-me-he *Sisyphe*.

E nada, absolutamente nada a devozen.

Ez, leitor, rapaz A. O. desapareceu, e surgiu *Sisyphe* nas páginas meias da Renaissança.

Foi uma substituição de nome simplissime. Mas *Sisyphe* só concorda de A. O. Renaissances vagas, e confusas como as de um sono, horível e doloroso de dia mafio.

E uma vez que estas livre da travessia monstroso que vos abandonou a correr árido e espaurido em buscas de novas victimas, refiro-me aos bostidores.

Atendei bem; nada de malícia, — bastidores de minha obscuridade.

*Sisyphe*.

escalcer de salvagão cabisse ao mar. Raul e mais tripolantes entraria nesse.

Logo que o escalcer desceu, num onda enorme envolven-o e o escalcer despedaçou-se de encontro ao navio.

Henrique deu então ordem para que se arriasse outro escalcer.

— Proibido-lhe que vai disse o sr. B\*\*\*.

— E' meu irmão que está morrendo afogado.

O terceiro escalcer com 40 homens cabia no mar, e este implacável inutilizou-o completamente.

O sr. B\*\*\* trepou no banco de quaria, couvia no meio daquela pungeante fumada os gritos de seis filhos que morriam perto de si. Inclinou-se sobre o alvoroço procurando nessas sombras indecisas os corpos d'aqueles que lhe pertenciam e não desaparecer para sempre.

O capitão de barco resava fervorosamente pedindo a Deus sua clemência, mas só a tempestade respondeu à sua voz. Entra, chegando à marinha estendeu à mão e abençoou os que morriam.

— Meus filhos, exclamou elle, morriam em paz, victimas do devo, eu os absolve, e Deus lhe perdoará.

Os officines em torno do commandante procuravam consol-lo e elle com maior sangue fuso assistiu aquella scena desoladora.

Quando o sr. B\*\*\* deixou a Glorieta, no seu regresso a França, e chegou à sua casa não deram-lhe nem uma só lagrima, nem disse palavra a infeliz mãe dos dois naufragos.

Quanto à ella, só pôde pronunciar estas palavras n'ou salvo:

— Amis !... perdite sajt Deus !

*Georges Pratet.*

## PARTE SCIENTIFICA

### A RENASCENCA. OS INVENTORIES (Continuação)

II

Entretanto, André Vesale ia desvabiar o horizonte mundo interno.

Na idade media todas as sciencias destinavam-só o principio da autoridade. A anatomia era representada por Galeno.

Vesale, esse homem de quem Buerhave disse que os séculos nada haveriam comparar, arrebatou a morte os segredos da vida.

Depois de ter acabado em Souvain os primeiros estudos, veio para Paris. Ali combatendo Silvio, com a coragem e ardor desenvolvidos por Abailard contra o venerável Guilherme de Champeaux, opôs-se à rotina observação e à sciencia, convivendo aos estudantes, seus compatriotas, para acompanharem-no até o *castelo dos inocentes*.

Ali para à noite, e, debruçados sobre os destroços da natureza humana, recolhendo ossadas, sombria messe da sciencia. Uma vez em Montfaucon, lugar sinistro, onde se depositava, em pleno ar, os cadáveres dos condenados à morte, foi

ele acometido por bandos de feras que disputavam a alimentação. Outra, em Lourain, viu o corpo de um ladrão tinha sido queimado e que estava atado a um poste.

Sustido por um amigo, André Vesale subiu ao poste, tirou os ossos dos principais membros e levou-os para casa. Voltou à meia noite, arrancou a cabeça, o thorax que uma cadeia de ferro ligava à extremidade superior do poste, e, finalmente, levou o esqueleto e colocou-o ao lado do de um macaco, de outros quadrupedes e passaros disposta assim as bases da osteologia comparada.

Não era demais para esse herói.

Levado pela curiosidade, perguntou elle a si proprio: «Como será feito o corpo do homem?»

Curiosidade formidável, porque a igreja, zelosa, velava por esse milagre da vida, tentando occultar o mais possível. Mas o espírito da independencia que, sob diversas formas inspirava Luther, Colombo, Marcellino Ficim, e outros, impelia o escaravelho do Vesale.

Como, pois, desvistar-se de um caminho em que o *alairante do grande oceano* tinha descoberto um mundo, e Kippernick e Kepler tinham examinado os astros?

Em 1543 publicou um livro sobre a construção do corpo humano *André Vesalius Remensis de humani corporis fabrica*.

Além a antiguidade, a autoridade, a tradição, o empirismo estavam conhecidos para sempre. A anatomia está constituída. O homem, para o homem, deixava de ser um misterio. A escultura e o estatuicio renascem com a recordação da beleza, o sentimento do ideal e o respeito da verdade.

Uma revolução effetuou-se nas profundezas das regiões inexploradas do ser.

Pelo esculpido do Vesali o pensamento livre faz saltar libras e entrañas humanas.

Condenado pela Inquisição, por um crime imaginário, graças a Philippe II, a pena d'Vesale foi contumacia na de um peregrino em gesuado. Exiliado, partiu elle em 1564.

Depois de uma viagem de observação, arremessado pelos ventos na Ilha de Tant, morreu, só, necessitando de pão e de abrigo. Contava então cincuenta annos.

Um ourives vendendo um catavos, inclinando-se sobre ele e reconhecendo Vesale, fez-lhe apressadamente humildes funerares. Em cima das capelas da Virgem lia-se a seguinte inscrição:

«Tumba de André Vesale, medico de Bruxelles, morto em Outubro de 1564 de volta de Jerusalém.»

A inquisição fez-lhe sofrer pelo crime de ter revelado os segredos do homem ao homem; e, depois, puniu também Galileo por ter ensinado ao homem o segredo do céo.

### III

Na idade media tres sciencias disputavam o universo:

1.— A astrologia que presava em lugar os phenomenos humanos aos do mundo ideal.

2.— A alchimia que perseguia na materia, não só as leis da materia, mas, também o segredo de suas transformações.

3.— A magia que, julgando penetrar na causa essencial, lisonjeava se de encadear a natureza à vontade do homem. Fica o por cima das tres espheras agitadas do espírito humano, reinaua a igreja, em que resumia a totalidade da sciencia.

*(Tradução)*

AVELLAR ANDRADE

## VARIEDADE

### PAGINAS DE A. KARR

#### (PIRILAMPOS)

Ha tres especies de amor que exprimimos quasi pelas mesmas palavras e que as mulheres só distinguem demasiado tarde, se por ventura chegão a distinguil-as:

«Quero que Adelaidé me faça feliz.»

«Quero ser feliz com Adelaidé.»

«Quero que Adelaidé me deixa a felicidade.»

Capricho, amor, dedicação.

Um dos grandes inconvenientes da vida humana é collocarmos a nossa felicidade nas causas impossíveis e a infelicidade nas inevitáveis.

O destino do homem é andar n'um círculo. A Indigencia e a obscuridade geram a actividade, e economia, e algumas vezes o talento, quasi sempre a riqueza (sem o talento, seria sempre). Depois, a riqueza produz ociosidade, a vaidade, a prodigalidade, que levão novamente à indigencia.

A mulher deve esperar que a convide para amar, como, no balle, a convide para a dança: pode unicamente escolher entre aqueles que primiero a escolherão.

E das convenções socias que as mulheres finjam ser francas e timidas, e os homens fortes e corajosos.

Ha uma causa por que o vicio, é a falsa virtude.

Nada sucede nesta vida como se receia ou como se spera.

Luto: não nos divertirmos nem firmes senão com vestuarios de certa cor.

Todos se ocupam muito pouco do que devem ser, mas pensam constantemente no que devem parecer.

Um philosopho dizia à mulher por quem estava apaixonado: « O diabo é a mais infeliz das criaturas; e, contudo, Deus, que o expulsou do paraíso, não commeteu a crueldade de lhe deixar a menor esperança. »

Ha loucuras que as mulheres não perdoam aos homens e faltas que estes não perdoam às mulheres: são as loucuras que aquelles praticam por outras mulheres, as faltas que estas commetem com outros homens.

Em todos os casamentos as noivas são encantadoras e os noivos feios: é esta pelo menos, a opinião das pessoas que presenciam o acto.

Para isso concorre, além do vestuário, a circunstância de que, nesse dia, os homens vão preoccupiedos com idéias sérias enquanto que as mulheres tratam unicamente de ser formosas.

Ha coisas tão superiores ao dinheiro que elle só pode tocar-lhes de longe e em forma de projectil; e, deste modo, ferem-as e o mais das vezes mata-as.

Só nos lembramos do respeito devido aos pais para o exigirmos de nossos filhos, e da modestia para a impormos aos outros.

As injurias humilhão deveras quem as profere, quando não humilhão quem as recebe.

Diz um philosopho chinez: « Faz o que querias ter feito antes do que de sejas fazer. »

Com relação a mulher e ao amor, o homem é muito fraco... especialmente quando é forte.

Parece-me que revelamos demasiada estima e admiração pelas pessoas cuja figura é formada: primeiro, do que tirão a uns; segundo, do que não dão aos outros.

Os elegios, principalmente quando dispensados a um príncipe, só têm valor se o carácter do elogiador e do elogiado nos dito a garantia de que o primeiro poderia ter dito o contrário e o segundo teria permitido.

COROLARIO.— a lei da propriedade literaria;

1º A propriedade litteraria não é propriedade.

2º É expressamente prohibido ter herdeiros quem não pode deixar herança.

Contra que homens de mediocre inteligencia ocupem certos lugares, porque se vê obrigados a chamar em seu auxilio os homens de intelligencia superior; e, no caso contrario, estes nunca chamariam os primeiros.

A mulher a quem nos unimos, assemelha-se as vezes tão pouco áquella que tínhamos imaginado, que commetteríamos uma infidelidade para com a primeira continuando a amar a segunda.

A austeridade não é que nos salva da devassidão—é o amor.

## POESIAS

### TEUS OLHOS

Teus olhos, teus olhos,  
Tão negros, tão bellos,  
Ressumbrão anhelos,  
Só têm sedução.  
Quaes astros nocturnos  
Brilhantes scintillão,  
Tyrannos dominão  
O meu coração.

A' vezes, travessos,  
Tão vivos, ardentes,  
Quaes dois innocentes,  
Parecem sair.  
Então de meu peito  
A mágoa sombria  
Se evane e a alegria  
Eis surge a brilhar.

Mas quando m'os volves  
Com essa ternura.  
Suprema ventura,  
Que os anjos só têm;  
E imprimes no rosto,  
No mundo a innocencia  
Da mãe da clemencia  
De Deus de Belém;

Escaldas-me o peito,  
Gentil, branco lirio...  
Sou todo delírio...  
Tu fazes-me mal!  
Não vês? — Estremecço...  
Palpita-me o seio...  
Meu Deus, oh, que ancelo,  
Que ancelo mortal!

Assim não m'os volvas.  
Não vês que me esquivas?  
A amante captivo  
Não posso os sustar!  
E tal a magia,  
E tal, é intenso  
O gozo, que penso,  
Que penso morrer!

O.

### O POETA

O poeta é rosa que desfolha o vento  
No vasto campo com anaves agitado;  
E como gemé a júrida aílarde.  
Suspira elle tristemente à noite.

Vive tristonho na miseria immerso;  
Tangendo a lyra harmoniosa em vão;  
Sonha que goza.. Um impossível sempre  
Nada se goza na miseria... Não!...

Seffro... Lamenta, mas debalde... Sim...  
Porque na vida esse destino tem;  
Caminha triste, cabisbaixo e mundo,  
E, se ergue os olhos não encontra alguém  
Mendiga sempre n'um deserto negro  
A sorte ingrata que lhe acolheu vida;  
No vasto mundo não encontra um ento  
Que se condonha tristonha vida.

O poeta é pet'la do mimosa planta,  
Que o vento lança desinvoltamente ao ar,  
O poeta é pobre mendicante... é nada!  
Um grão d'areia arremessado ao mar!..

*Arellar Andrade.*

Rio — 1878

### MISCELLANEA

Pedia certo individuo a um pintor que lhe fizesse um quadro que representasse as onze mil virgens, e ajustou com elle de lhe dar um tanto por cada uma. D'ahi ha poucos dias trouxe-lhe o pintor o quadro, que representava uma igreja, da qual vinham sahindo muitas mulheres, que elle dizia ser as onze mil virgens; porém, contando-as o sujeito, não achou mais do que cem, e lhe disse que tinha faltado ao que prometera, visto não estarem ali todas.

— Mas, V. S. não pode ver as outras, respondeu então o pintor porque estão dentro da igreja.

— Muito bem, replicou o outro; pois eu lhe pago o que ajustamos pelas que estão na fóra, e o resto eu lhe darei, quando as outras tiverem sahido.

Um pregador árabe tomou por texto do seu sermão esta passagem do Alcorão: *Eu chamei a Noé... e permaneceu assim no pulpite, depois de ter repetido tres vezes as mesmas palavras.* Um Árabe, que se achava presente, julgando que elle esperava por alguma resposta, gritou-lhe: *Pois se Noé não vem, chame outo.*

Um dendo tento entrado em uma igreja, viu que estava cheia de gente e que reinava o maior silencio; de repente entrou o cura numa anti-sala e todos se puseram a cantar. O dendo, a quem isso não agradou, saltou por cima de uns e outros até chegar a capella mór; e apresentando uma bofetada no cura disse-lhe: — Toca lá, que é para te ensinar a não fazer barulho quando todos estiverem calados, pois se tu não visses principio a gritar, toda essa gente se teria conservado em silencio.

Tendo um alvogalo principiado assim o seu discurso:

— \* Os monarcas, nossos predecessores...

Adrogado cobri-los, disse-lhe o presidente do Tribunal, sois de tão alta jerarquia que não deveis estar aqui com a cabeça desoculta... \*